

MIAR

crossref

Diadorim



Faculdade Santo Agostinho

revista fsa



WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung

latindex

Sumários.org

e-revist@s

[www2.fsanet.com.br/revista](http://www2.fsanet.com.br/revista)

Revista FSA, Teresina, v. 11, n. 1, art. 5, p. 94-116, jan./mar. 2014

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.1.5>

**CAIU NA REDE...: REDES DE SOCIABILIDADE E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE MULHERES QUE AMAM MULHERES EM TERESINA (PIAÚÍ) E EM SÃO LUÍS (MARANHÃO)**

**FELL INTO THE NET...: SOCIABILITY NETWORK AND BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF WOMEN THAT LOVE WOMEN IN TERESINA (PIAÚÍ) AND SÃO LUÍS (MARANHÃO)**

**Fabiano Souza Gontijo\***

Pós Doutor em Antropologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor da Universidade Federal do Pará

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2

E-mail: [fgontijo2@hotmail.com](mailto:fgontijo2@hotmail.com)

Belém, Pará, Brasil

**Pâmela Sampaio Reis**

Mestranda em Antropologia e Arqueologia/Universidade Federal do Piauí

E-mail: [laurentinasampaio@hotmail.com](mailto:laurentinasampaio@hotmail.com)

Teresina, Piauí, Brasil

\*Endereço: Fabiano de Souza Gontijo

Universidade Federal do Pará. Rua Augusto Corrêa, 01, Guamá, CEP: 66075-110, Belém/PA, Brasil.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 19/11/2013. Última versão recebida em 05/12/2013. Aprovado em 06/12/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Apoio e Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.**

**RESUMO**

O artigo apresenta algumas narrativas biográficas de mulheres que amam mulheres e que vivem em Teresina e São Luís, com o objetivo de refletir sobre a possibilidade de atualização dos sistemas de representações sobre a sexualidade masculina propostos por Peter Fry nas décadas de 1970 e 1980.

**Palavras-chave:** Lésbicas. Narrativas Biográficas. Teresina. São Luís.

**ABSTRACT**

This text presents some biographical narratives of women that love women and who live in Teresina (Piauí) and São Luís (Maranhão), with the aim of thinking about the possibility of updating the theory of the system of representations about male sexuality in Brazil proposed by Peter Fry in the 1970s and 1980s.

**Keywords:** Lesbians. Biographical Narratives. Teresina. São Luís.

\*

Em seu artigo intitulado “Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”, Peter Fry (1982b) alia que o estudo dos sistemas de representações sobre a sexualidade *masculina* contribuiria para o estudo da sociedade brasileira como um todo, já que os sistemas de representações são produzidos num contexto político. Analisando o “que as pessoas dizem que fazem e o que acham que deveria ser feito” no tocante à sexualidade (Fry, 1982b: 88 e 89), o autor identifica alguns modelos a partir da articulação entre sexo fisiológico (“atributos físicos que distinguem machos e fêmeas”, p. 89), papel de gênero (referentes “ao comportamento, aos traços de personalidade e às expectativas sociais associadas normalmente ao *papel* masculino ou feminino”, pp. 90 e 91), comportamento sexual (“comportamento sexual esperado de uma determinada identidade”, p. 91, como atividade e passividade) e orientação sexual (“sexo fisiológico do objeto de desejo sexual”, p. 91, ou seja, homossexual, heterossexual ou bissexual).

O autor desemboca em dois grandes modelos ou sistemas de classificação: por um lado, o modelo hierárquico, que divide o mundo em “homens” e “bichas” e, por outro, um modelo mais simétrico ou igualitário, que divide o mundo em homossexuais, homens heterossexuais e bissexuais. Enquanto o primeiro modelo encontra sua origem na história colonial brasileira e seria, no momento da escrita do artigo, “bastante hegemônico nas classes mais baixas e no interior do país” (Ibidem: 93), o segundo modelo, por sua vez, é oriundo do sistema médico-científico que produz a “condição homossexual” e é alastrado pelas camadas médias urbanas dos grandes centros brasileiros, representando a modernidade e a vanguarda em termos comportamentais. Os movimentos políticos homossexuais das décadas de 1970 e 1980 no Brasil se servem do segundo modelo, segundo Fry, o que estaria gerando, naquele momento, uma tensão (política) entre as tendências identitárias dos movimentos e as experiências homossexuais efetivas (mais próximas do modelo hierárquico).<sup>1</sup>

Os escritos de Fry (1982a; 1982b), assim como os de Fry e MacRae (1982), e as obras de Guimarães (2004 [1977]), Parker (1986), Perlongher (1987), Mott (1987a; 1987b), Muniz de Oliveira (1992), Heilborn (1996; 2004 [1992]) e Costa (1992), dentre outras, contribuíram

---

<sup>1</sup> Ver, a respeito da história dos movimentos e dessas tensões, Mac Rae (1982), Mott (1995), Green (2000) e Facchini (2003).

decisivamente para a *instituição* do campo dos estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil. Mas, quase sempre, (homo)sexualidade *masculina* ou com viés *masculino*<sup>2</sup>...

Os estudos instituidores de uma nova abordagem das (homo)sexualidades de Fry, realizados e publicados nas décadas de 1970 e 1980, aparecem no mesmo momento em que os movimentos homossexuais brasileiros estão se estruturando, assim como outros movimentos sociais – dentre os quais, o feminista – baseados na igualdade de direitos de indivíduos, movimentos que, segundo o autor, “são constitutivos do processo de diferenciação da sociedade brasileira e surgem da experiência social dessas camadas da classe média em formação” (Fry, 1982b: 110). Mas, se o movimento homossexual se desenvolve em diálogo com a produção acadêmica (geralmente crítica em relação ao movimento, como se nota no artigo seminal de MacRae de 1982), o movimento de lésbicas, que se destaca em certa medida do movimento homossexual como um todo nesses primeiros momentos (Facchini, 2003), não parece interagir com estudos acadêmicos, pelo simples fato de (quase) não haver estudos sobre a questão, como se não fosse relevante estudar as experiências lésbicas ou como se estudar a (homo)sexualidade masculina já abrangesse “naturalmente” as (desconsideradas) especificidades lésbicas<sup>3</sup>.

Para além dos trabalhos pioneiros de Mott (1987) e Muniz de Oliveira (1992), as representações sobre a sexualidade feminina e as experiências lésbicas começam a ganhar certa visibilidade, ainda que tímida, a partir da década de 2000, quando algumas comunicações são apresentadas em congressos e encontros, artigos são publicados em periódicos e anais de eventos e dissertações de mestrado e teses de doutorado são defendidas em programas de pós-graduação na área das ciências humanas (e afins) nos grandes centros universitários das regiões Sudeste e Sul do Brasil<sup>4</sup>.

Alguma lacuna ainda persiste, porém, no que diz respeito às vivências da homossexualidade feminina em contextos que chamaremos provisoriamente, a partir daqui, de “periféricos”, ou seja, nas regiões Norte e Nordeste, nas áreas rurais ou menos urbanizadas e

---

<sup>2</sup> Para as referências acerca da genealogia dos estudos sobre (homo)sexualidade no Brasil, ver o próprio artigo de Fry (1982b), mas também os de Arney, Fernandes e Green (2003) e ainda, para entender a maneira como a obra de Fry abriu novos espaços para a instituição do campo dos estudos sobre (homo)sexualidade no sobre novas bases teóricas e metodológicas, ver também Facchini (2003) e Carrara e Simões (2007).

<sup>3</sup> Fry, em seus dois textos fundamentais (1982a e 1982b), explicitou sua opção de cunho metodológico (mas também político) pelo estudo da sexualidade masculina.

<sup>4</sup> Dentre essas dissertações e teses, destacam-se os trabalhos de Almeida (2005), Lacombe (2005), Gomide (2006), Facchini (2008) e Meinerz (2011a; 2011b), para citar somente alguns.

em territórios etnicamente diferenciados (quilombos e comunidades indígenas) – ali onde predominava, segundo Fry (1982b), o modelo hierárquico<sup>5</sup>.

No âmbito de uma pesquisa mais ampla<sup>6</sup>, que visa a delimitação do universo simbólico – socialmente construído e culturalmente formulado – que serve de referência para a ordenação das representações sobre sexualidade e para a organização das experiências homossexuais nesses contextos “periféricos”, realizamos, ao longo de 2012 e 2013, algumas entrevistas e observações que nos permitiram reconstituir as trajetórias de vida e as redes de sociabilidade de mulheres que se relacionam afetivamente com outras mulheres nas capitais dos estados do Piauí (Teresina) e Maranhão (São Luís). As entrevistas foram tratadas como narrativas biográficas (Bauman, 1986) ou etnobiografias (Feal, 1990; Gonçalves et al., 2012), focadas nas performances de gênero (Butler, 1990) e, como as pessoas entrevistadas se relacionavam entre si, pudemos esboçar uma tentativa de reconstituição de suas redes de relacionamentos (Bott, 1976; Gluckman, 1976). Assim, tentaremos, aqui, apresentar os primeiros resultados de uma parte dessa pesquisa, trazendo elementos para incitar a reflexão sobre a operacionalidade dos modelos propostos por Fry para a compreensão das experiências sustentadas por sistemas de representações sobre a sexualidade nos dias de hoje em contextos “periféricos”.

\*

Trata-se de mulheres encontradas nas camadas médias superiores, respectivamente, de Teresina e de São Luís e que funcionam como duas interessantes redes de sociabilidade que compararemos a partir daqui. Sem, inicialmente, termos a intenção de definir as redes de nossas interlocutoras, acabamos nos surpreendendo com as articulações entre as trajetórias biográficas reconstituídas, por um lado, e, por outro, com a articulação da rede piauiense com a rede maranhense (acompanhando nossas entrevistadas, percebemos, alguns meses depois das entrevistas, que algumas mulheres de uma rede já tinham se relacionado ou ainda se relacionavam com mulheres da outra rede).

---

<sup>5</sup> Essa lacuna vem sendo, pouco a pouco, preenchida nesse início da década de 2010 – para citar alguns exemplos, pensa-se no trabalho de Suely Messeder (2012), mas também de alunos e alunas de programas de pós-graduação na área das humanidades em centros universitários das regiões Norte e Nordeste, como o trabalho de dissertação em andamento de Jainara Gomes de Oliveira, no programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação de Mônica Franch.

<sup>6</sup> Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida para a realização da pesquisa em questão.

Natasha (pseudônimo) seria o ponto de partida ou o núcleo central de uma rede composta, sobretudo, por mulheres na qual fomos introduzidos em São Luís por Bárbara (pseudônimo), sua primeira namorada.

Natasha é natural da capital maranhense, nasceu em 1984, numa família tradicional de empresários, médicos e advogados bem sucedidos. Seu irmão, um pouco mais velho, e seu tio, bem mais velho, também se dizem homossexuais (nós os entrevistamos para outra pesquisa). Atualmente, mora com esse irmão, uma irmã e seus pais numa mansão na área nobre de Quintas do Calhau. No momento da entrevista, Natasha havia se mudado de volta para São Luís fazia pouco mais de quatro meses, depois de cinco anos passados em São Paulo, e estava reestruturando sua rede de amizades na capital maranhense.

Natasha diz que, desde criança, se sente mais atraída por meninas e contou que teve duas *namoradinhas* na escola, quando tinha cinco e seis anos. Mas, também se diz muito atraída por rapazes, apesar de afirmar não gostar de relações sexuais com homens. Durante a adolescência, beijou muito, meninos e meninas. Mesmo tendo um seletivo grupo de amigas que se dizem lésbicas, Natasha faz questão de dizer que a maioria de seus amigos, hoje em dia, é do sexo masculino.

Quando tinha 16 anos, Natasha flertou com uma menina nas ruas e becos da Praia Grande, centro histórico de São Luís, durante um dos inúmeros eventos que acontecem por ali nos finais de semana. Não chegou a falar com a moça. Natasha disse ter sido atormentada pelo desejo de estar com essa moça, “uma estranha”. Em outra ocasião, quando estava com os pais, reviu a mesma moça, mas também não se abordaram. Na terceira vez que a viu, resolveu iniciar uma conversa e elas se tocaram. Apesar de não terem tido relações sexuais, para Natasha, esses toques pareceram ser a confirmação de sua sexualidade “diferente”.

A partir daí, Natasha se envolveu “seriamente” com outra moça, Bárbara, também de origem *abastada*, com a qual namorou durante dois anos. Elas cursaram o Bacharelado em Direito numa faculdade particular de São Luís, faziam todas as tarefas juntas, viajavam, frequentavam a casa uma da outra, gostavam da família uma da outra... Mas, Natasha preferiu terminar o relacionamento, por se sentir atraída por outras moças. Mesmo tendo tido a iniciativa de terminar o relacionamento, diz ter sofrido muito, por arrependimento. O sofrimento chamou a atenção de sua mãe, que lhe perguntou o que estava acontecendo e Natasha se sentiu na obrigação de confirmar a suspeita da mãe de que a filha tinha se envolvido afetivamente com outra pessoa do mesmo sexo. A reação da mãe, segundo Natasha, foi a de certa tristeza, num primeiro momento, seguida de “aceitação e carinho”. Seu pai soube de sua sexualidade “diferente” logo em seguida, mas nunca comentou nada a

respeito. Seus irmãos souberam desde muito cedo, pois saíam para as festas nos finais de semana juntos e Natasha sempre foi “assanhadinha”, como ela mesma se define.

A partir daí, Natasha decide ir morar em São Paulo para tentar esquecer Bárbara. Morou com uma tia, até a chegada da irmã, que também foi para São Paulo para estudar, quando os pais compram um apartamento para as filhas. Em São Paulo, Natasha revela que “aí eu pude mesmo ser eu, andar de mãos dadas com minhas namoradinhas”. Diz ter namorado muito, com homens e mulheres: “eu gosto de mulher, meu problema com o homem é o sexo, porque eu adoro homens, meus melhores amigos são homens, eu acho bonito, acho lindo, sabe eu percebo homem, eu admiro, mas, não tenho tesão assim.”

Antes de se mudar para São Paulo, Natasha havia conhecido, em São Luís, uma mulher que morava em São Paulo, casada, “bem sucedida”, vinte anos mais velha. As duas tiveram um relacionamento curto, passaram um mês em contato por telefone. Quando Natasha chegou em São Paulo, trabalhou com essa mulher, na área de moda e estilismo, e tomou gosto pelo tema.

Quanto à relação com essa mulher, Natasha conta que

A gente tinha uma coisa muito forte, uma ligação; eu a admirava demais, a gente trocava muita coisa. Ela era 20 anos mais velha do que eu, eu era uma menina que tinha coisas pra dar pra ela, ela era uma mulher que tinha coisas pra dar pra mim, de experiência, de música, de conhecimento de mundo, de coisas que ela já tinha visto e eu não, ela me mostrava; coisas que eu já tinha visto e ela não, eu mostrava pra ela.

Natasha se sentia, no entanto, um pouco incomodada:

Eu era amante né, a mulher não era minha; ela me fazia feliz algumas vezes, outra hora não tinha como pensar, eu quero dormir com a pessoa que eu gosto hoje e ela tá lá dormindo com o marido né, mas foi muito importante, eu aprendi pra caralho e assim, nós ficamos cinco anos juntas sem estar juntas.

Durante os cinco anos passados em São Paulo, Natasha relata que, por três períodos, ficou “separada dessa mulher mais velha”, períodos em que teve outras namoradas, que saíam para as baladas, andavam de mãos dadas e faziam essas coisas que ela dizia sentir falta na outra. Por fim, no último ano em São Paulo, conheceu uma mulher um pouco mais nova, com quem chegou a morar: “era mais nova, uma menina super problemática que eu achava que iria resolver a vida dela, mas no final, ela era quem estava acabando com a minha”. As duas se conheceram na faculdade. Natasha já estava nos últimos períodos do curso de Moda em uma faculdade particular. O problema maior da nova companheira era o envolvimento com drogas.

A saudade da família foi um fator que fez Natasha voltar para São Luís: sentiu necessidade de estar ao lado dos pais; somam-se a isso os problemas com a namorada paulista e sua família.

Natasha conta que consultou sua mãe antes de decidir voltar para São Luís, e sua mãe lhe disse:

Minha filha, queremos muito que você volte, não ligamos para a sociedade; amamos você de todo jeito; sabemos que você é danadinha, que não vai ficar se escondendo; que você não tem vergonha de ser o que é, você não tem medo de ser o que é; apoiamos você; só não queremos que você se exponha, se vulgarize, nem eu, nem seu pai queremos isso.

Em termos profissionais, diz que ainda não consegue ganhar dinheiro em São Luís na área de Moda, ainda que esteja trabalhando em dois lugares. Por gostar de pinturas e desenhos, foi convidada por uma psicóloga para trabalhar no Centro de Referência de Assistência Social, ensinando pintura e desenho para crianças, trabalho voluntário. Trabalha, ainda, produzindo uma coluna de moda em um jornal local e para um site de moda, também local. Assim, continua sendo “sustentada” pelos pais, como em São Paulo, quando “meus pais me sustentavam e o dinheiro que eu ganhava era pra viver assim. Eles pagavam minhas contas e o meu dinheiro era pra sair, pra jantar, pra balada, cinema”.

Natasha revela que desde que chegou a São Luís está “pegando” e “ficando” com várias pessoas: “eu tô ficando com quem me interessa mesmo e não por quem se interessa por mim”. Quando compara São Luís com São Paulo, afirma:

Aqui [em São Luís] tem muita gente incubada, mas o lugar que eu vivia lá era num quadrilátero gay, né, vivia na Liberdade, perto da Augusta, então, assim, ninguém se reprimia lá. Aqui, teve uma menina outro dia que ela botava assim no facebook tô muito apaixonada’, porque ela estava namorando um cara, e me sugeria em off amizade colorida! Quem tá muita apaixonada pelo seu namorado não sugere amizade colorida pra ninguém, não.

Argumenta que não se considera uma pessoa careta, hermética, fechada e que acredita que uma pessoa possa viver o “poliamor, amar dez pessoas ao mesmo tempo”. O amor é definido como: “cumplicidade, admiração, é vontade de estar perto, é respeito. Respeito é fundamental em qualquer relação. Companheirismo, afeto também, carinho é isso, você admirar a outra pessoa”. Apesar de falar de poliamor, Natasha diz que a traição “é a pior das práticas num relacionamento a dois”...

Afirma que sempre lutará por duas causas; a primeira é sua família, não quer mais sair da casa dos pais e pensa em viver sempre com eles, mesmo que venha a se apaixonar por alguém; a outra, é a causa “*LGBTT*”, mesmo não sendo militante,

...porque se for para ser melhor no futuro, pra os que vem depois de mim, eu faço tudo, cara. Eu não sou tão ativista quanto eu queria ser. Sempre fui nas passeatas, nas caminhadas, mas sei que a gente vem de uma caminhada muito longa e a gente tá conquistando algo, aqui no Maranhão é muito mais devagar do que em muito lugares, mas se tu olhar hoje em dia tem muita gente gay aqui, sempre teve, o volume é muito grande de homossexuais aqui, mas hoje em dia tu olha as pessoas de mãos dadas nas ruas, tu ver tipo, duas meninas num bar e demonstrando claramente que não amigas sabe; elas se abraçam e pegam no rosto, beija na boca, sabe...normal, como tem que ser, porque é.

Indagada sobre a diferença entre uma relação heterossexual e uma relação homossexual, afirma que, apesar das mudanças sobre igualdade de gênero, ainda percebe muitas mulheres submissas aos maridos, enquanto num relacionamento entre lésbicas parece haver mais consenso para as tarefas e menos assimetria.

Na mansão de Natasha, entrevistamos Luana (pseudônimo), uma das melhores amigas de Natasha. Luana namora Carla (pseudônimo). As trajetórias do casal ludovicence Luana e Carla se assemelham, em muitos aspectos, com as trajetórias do casal teresinense Dara e Fabrícia (pseudônimos): Luana e Dara têm mais de dez anos de idade de diferença em relação a suas companheiras Carla e Fabrícia; quando os casais se formaram, as primeiras já possuíam emprego “fixo”, apartamento e automóveis próprios, estabilidade financeira e experiência adquirida de outros relacionamentos homossexuais duradouros, enquanto Carla e Fabrícia estavam se iniciando nos relacionamentos homossexuais e apresentavam certa instabilidade financeira...

Dara mora em Teresina, mas é originária de uma cidade que teve grande importância comercial no período colonial, Valença. Nasceu em 1969, numa família tradicional de forte expressão política. Foi mandada para a capital piauiense para cursar o Ensino Médio e, em seguida, o Bacharelado em Serviço Social na Universidade Federal do Piauí – seu trabalho de conclusão de curso foi fruto de uma pesquisa pioneira sobre os espaços de sociabilidade frequentados por homossexuais em Teresina, considerado o primeiro estudo do gênero no Piauí. Após a conclusão do curso, se mudou para Barcelona, Espanha, onde morou com amigos durante alguns anos. A experiência catalã despertou em Dara o desejo de cursar uma licenciatura em espanhol, curso realizado na Universidade Estadual do Piauí. Hoje, Dara dá aulas de espanhol em escolas particulares renomadas de Teresina e em algumas faculdades particulares.

Luana, por sua vez, é originária do interior de Pernambuco. Nasceu em 1979, numa família de funcionários públicos. Aos 15 anos, amargou a morte do pai e do irmão. Ainda em Araripina, no interior de Pernambuco, iniciou um curso universitário de Letras e terminou um curso técnico de contabilidade. Aos 18 anos, recebe o convite de sua primeira namorada para morar em São Luís. Na capital maranhense, cursou Administração, fez pós-graduação em Gestão de Pessoal, foi bancária concursada e, atualmente, é analista do Tribunal de Justiça e está terminando o curso de Direito numa faculdade particular.

Em comum, Dara e Luana têm a trajetória ascensional baseada no emprego estável: para Dara, “ter um emprego era meu grande sonho, a possibilidade de poder me sustentar” e para Luana:

Sempre fui muito madura, eu costumo dizer que eu não tive adolescência, porque, assim, eu nunca fui uma adolescente inconsequente, nunca me permiti beber, cair, levantar; assumi responsabilidade muito cedo, querendo trabalhar e ganhar dinheiro pra viver a minha vida; por conta disso eu exijo muito dos outros.

Fabília, atual namorada de Dara, nascida em 1979 em Teresina, é originária de uma família de militares. Estudou nas melhores escolas particulares da cidade, ganhava uma mesada confortável, desde muito cedo teve carro à disposição, celular e aparelhos eletrônicos “da moda” e viajou diversas vezes para os Estados Unidos e outros países. Já Carla, atual namorada de Luana, nasceu em Imperatriz, no interior do Maranhão, em 1993, originária de uma família pobre – o pai era mototaxista e a mãe, doméstica. A família se mudou para São Luís em busca de melhores condições de vida, quando Carla tinha 11 anos. Estudou em escolas públicas, mas conseguiu uma vaga para cursar Direito numa faculdade particular, onde conheceu Luana. Conta que, quando a família chegou em São Luís, vendia guaraná da Amazônia. Com o dinheiro economizado, a família conseguiu comprar um pequeno apartamento no bairro popular do Coroado e um carro, que o pai usa para trabalhar como taxista; a irmã cursou Enfermagem, também em faculdade particular, e ainda mora com os pais, enquanto o irmão, segundo ela, “é vagabundo”. Carla mora com Luana há dois anos, no apartamento de Luana, num bairro nobre de São Luís, Renascença.

Embora de classes sociais diferentes, Fabília e Carla vivenciaram momentos dramáticos em suas famílias, envolvendo o “lado masculino da família”, pai e irmãos. Fabília conta que um dos irmãos, que vivia em um condomínio na área nobre de Teresina, lhe apresentou uma vizinha, Dara. Fabília ficou encantada com a moça e quis se aproximar, sem que seu irmão soubesse. Numa de suas idas à casa de Dara, foi seguida por seu outro irmão, que já desconfiava do envolvimento da irmã com Dara. Descobriu a relação das duas e

ameaçou revelar o segredo para os pais. Fabrícia preferiu, então, revelar o segredo pessoalmente e, com isso, seus pais “tomaram tudo de mim [dela], carro, celular, mesada, cartão”. Seus pais proibiram-na de sair de casa até que se esquecesse totalmente “dessas imundícies”. Continuou, no entanto, se comunicando com Dara através da sua cunhada, que ajudava as duas.

Carla, companheira de Luana, por sua vez, relata muita violência em sua relação com o pai desde sua infância, acentuando-se na adolescência, quando seu pai – e seu irmão – começaram a se questionar sobre suas “saídas, sempre acompanhada de meninas.” Acrescenta: “depois de grande, ele bateu muito ainda em mim; quando eu saía, eu não podia dizer para onde eu ia, eles não confiavam em mim, meu irmão e meu pai, como é que eu ia dizer, não podia falar, se eu pudesse eu falava, não podia, aí eu apanhava.” Seu pai ficou sabendo de seus afetos com moças, através de um amigo, que viu Carla, numa festa na Praia Grande, beijando uma moça:

Minha irmã veio na frente e falou para que eu arrumasse minhas coisas e ir pra casa da Marcela, que era uma colega minha que morava lá perto de casa, que ela morava só, e disse para eu ir porque o pai já sabia de tudo, que tinham falado pra ele.

Após uma pequena temporada na casa da amiga, Carla volta para a casa dos pais, a convite do pai. Mas, ao chegar lá, descobre que seu pai queria trancá-la em casa. Foi proibida de sair até mesmo para estudar. Entrou em estado de forte depressão...

Tanto para Fabrícia como para Carla esse é um momento delicado em que ambas anseiam por liberdade, o que consistiria em um emprego e moradia própria. Fabrícia conseguiu um emprego “modesto” num suporte de internet. Diz que isso a salvou, pois passaram a respeitá-la. Carla saiu de casa para ir morar com Luana.

Enquanto isso, Dara e Luana viviam momentos bem diferentes. Duas mulheres que representam, nos seus respectivos grupos de amigos, uma certa liderança (Luana parece ser a mentora intelectual do grupo liderado por Natasha; Dara é a líder de seu grupo), ou seja, a palavra final é delas, tanto para a escolha do restaurante da noite e dos bares da madrugada, dos roteiros de viagens e, principalmente, são as conselheiras, quando acontecem os desentendimentos. Reiteradamente, encontramos nos discursos de ambas grande importância conferida ao “ser independente” (Dara), “ter um bom emprego” (Dara e Luana) e uma “boa colocação no meio social” (Luana), portando-se “com discrição” (Dara) em relação a suas vidas amorosas.

A independência, para Dara, era muito importante, até mesmo porque como ela vinha do interior, a referência que ela tinha de gays era “daquelas bichas loucas; as lésbicas bem ‘machocanas’ e eu não imaginava me relacionando com tais pessoas”. Quando começa a conhecer “os ambientes” (termo que trouxe de Barcelona) em Teresina, percebeu que tinha “estudantes, pessoas bem sucedidas”, sentiu-se feliz e apostou que, somente através dos estudos, conseguiria alcançar seus objetivos – dentre os quais, sair da casa da irmã, dentista, com quem morava.

Com a imagem de um pai incentivador, que tinha como lema os estudos, Luana, por sua vez, procurou seguir à risca seus conselhos. Incisiva e direta, Luana argumenta que a única opção era estudar e ter seu próprio dinheiro, uma vez que não suportava viver sob a dependência de seus pais. Ao falar da família, rememora que “mamãe era o carinho, o coração, a afetuosidade em pessoa, mamãe é um amor; papai era a razão, a motivação, a determinação, o foco, a disciplina.”

Ainda que Dara pregue a “discrição” em relação a Fabrícia, parece gostar de ser uma mulher percebida nas rodas sociais: “eu gosto de chegar aos lugares e ser percebida, que todas saibam quem eu sou.” Apesar da família...

Luana dispensa essa postura e quer mesmo é “viver tranquilamente”: não gosta de baladas, sair para beber e nem viver em “grupinhos”, preferindo “curtir mais a relação, sair de vez em quando com os amigos, mas não o tempo todo grudada, eu acho que isso é muito coisinha de adolescente; eu não tenho saco pra isso mais não.” Natasha é a amiga que “curte baladas”, por estar solteira, já Luana e Carla e Bárbara e Josiane (a atual namorada) preferem “programas mais calmos”.

Quanto à discrição, as duas concordam que em seus ambientes de trabalho, lugares conservadores – escolas e faculdades e Tribunal de Justiça –, é preferível ser discreto: “como eu trabalho nessas escolas tradicionais, da cidade na maioria com adolescentes, prefiro não me expor, embora todos saibam” (Dara) e:

Tenho mais de seis anos de Tribunal; no início ainda perguntaram sobre meus relacionamentos, dei uns cortes, mostrei que eu não queria misturar vida profissional com vida pessoal; hoje em dia ninguém pergunta nada, mas é claro que as pessoas vão especulando (Luana).

Dara e Luana se apresentam como o “esteio” de suas relações. Dara diz que se sente uma mulher segura e “ser razoável, não compensa, tem que ser boa”, referindo-se a ser uma boa profissional; de ser reconhecida em sua família como “uma homossexual que deu certo na vida”; de chegar em qualquer lugar e ser respeitada e, sobretudo, de ser uma boa

companheira. Luana diz que, agora que está estabilizada financeiramente, pode fazer o que fez: convidar Carla para morar com ela antes mesmo de completar quatro meses de relacionamento.

O primeiro relacionamento homossexual de Fabrícia foi com sua atual namorada, Dara, já que antes só tivera relações com homens. Afirma, no entanto, que nunca teve relações sexuais com homens. Ou seja, Dara, além de ser seu primeiro relacionamento homossexual, é também sua primeira parceira sexual. Diz que vivia como uma “patricinha” até se envolver com Dara e seguir os conselhos da companheira sobre a necessidade de conseguir um emprego e ter seu próprio dinheiro. O trabalho ganha relevância para Fabrícia quando conhece Dara e, então, percebe outra realidade: a de acordar cedo todos os dias, circular em transporte público, pagar contas, resolver problemas cotidianos... A partir do momento em que começa a intensificar as interações com as amigas que compõem a rede de Dara – financeiramente estáveis, com padrão de vida elevado, funcionárias públicas federais, médicas, advogadas –, percebe que essas moças conquistaram seu espaço através dos estudos e do trabalho: “quando eu me dei conta de que estava pegando ônibus, andando no sol e deixando de lado algumas frescurinhas foi mesmo que percebi o tamanho do que sentia e minha família ficou surpresa comigo.”

Se Fabrícia e Dara parecem originárias de famílias relativamente parecidas, de camadas médias, a disparidade parece ser a marca do casal Carla e Luana:

Eu achei um pouco estranho por causa da idade, eu, uma menina, estudante, ainda não tinha nada, ficando com uma pessoa que já tinha um carro, apartamento... Na verdade, não era a idade, era a questão financeira... Eu não tinha dinheiro, eu fiquei com vergonha, assim, quando eu entrei no carro dela, ela achou estranho, ela me olhou assim, porque ela achou muito novinha. (Carla)

O trabalho, para Carla, toma um outro sentido: se para Fabrícia, o trabalho abriu caminho para que voltasse a se entender com seus pais e irmãos, para Carla, o trabalho era uma necessidade libertadora, até mesmo porque “quando começamos a ficar, no início ela me pediu em namoro, eu falei que eu não queria me magoar porque meus pais me prendiam muito, era difícil pra eu sair de casa e ela já era independente.” Nota-se que ter um emprego, além de proporcionar a independência em relação aos pais, promoveria um pouco mais de conforto e liberdade no relacionamento com Luana.

No que diz respeito à diferença geracional, Fabrícia desconhecia os “ambientes gays”, gostava de festas em boates, ouvia forró e não tinha muita intimidade com as cantoras da

Música Popular Brasileira. Quando saiu pela primeira vez com Dara para os encontros que geralmente acontecem na casa de alguma amiga, conta que:

Achei tudo muito estranho, primeiro porque colocaram um DVD, que era uma mulher cantando e todas as mulheres olhando, achando linda, gostosa, maravilhosa... era tudo muito diferente, porque quando eu colocava um DVD de mulher, quem achava bonito eram os homens, lá era tudo ao contrário; aí, quando colocava DVD de homens, aí era os homens que ficam olhando, eu comecei a achar aquilo tudo muito estranho. Quando eu vi o primeiro beijo de duas mulheres, olhei para o lado, assim, para não ver porque eu achava tudo esquisito, mas eu não me toquei que eu estava na mesma situação e beijei logo a Dara.

Uma situação parecida experimentou Carla quando saiu pela primeira vez com Luana. Haviam combinado que Luana passaria de carro em uma rua nas proximidades da casa de Carla para pegá-la, depois passariam no apartamento de Luana já que queria tomar banho e trocar de roupa antes de seguir para o lugar marcado. Carla conta:

Eu cheguei lá no apartamento dela, ela começou a falar, falar, falar, falar...pensei, ‘nossa essa mulher fala demais’! Ela falava de DVD, tem uma Maria Betânia, Vanessa da Mata, e falava e falava; depois ela disse que iria tomar banho, então eu pedi para ela esperar e sentar, aí foi que eu... investi, chegou minha hora quero ser feliz, ainda não fui, aí eu investi, eu beijei ela, estava tocando Vanessa da Mata, eu beijei, ai foi que rolou.

Carla já conhecia os “ambientes gays” e ia muito à Praia Grande, bairro bem frequentado por homossexuais em São Luís às sextas-feiras, que apresentava outras propostas culturais como o reggae e o tambor de crioula. Carla e Fabrícia, por mais que conhecessem esse universo musical de suas companheiras, não o tinham ainda incorporado.

Outro estranhamento diz respeito à relação sexual. Fabrícia relata sua primeira relação sexual, com Dara, assim: “a primeira vez, eu achei tudo muito esquisito, eu pensei, ‘só isso?’” As primeiras investidas de Carla, antes mesmo de conhecer Luana, também foram “esquisitas”, segundo relata: “eu não sabia de nada, nunca tinha ficado com ninguém, nem com outra mulher, não tinha experiência, foi esquisito”.

Voltando à temática da família e da independência em relação aos laços primários, as brigas com o pai, as agressões físicas e verbais, as proibições referentes às saídas de Carla foram inquietando Luana, que já vinha convidando Carla para morar em seu apartamento. Quando a situação chegou ao limite, Carla resolveu deixar a casa de seus pais, ainda com muitos questionamentos a respeito dessa ruptura:

Que é que eu vou fazer da minha vida, será que eu vou falar com a minha família ainda? Eu pensei: esse é um momento decisivo pra minha vida, Luana quer pagar minha faculdade e aqui em casa eu não vou conseguir porque eles me tiraram do cursinho pra eu não estudar mais.

A família insistiu durante um tempo no seu retorno, até perceber que sua decisão se mantinha firme. Seu pai nunca se pronunciava sobre o assunto. Apesar dos desentendimentos, Carla demonstra um grande amor pelo pai, a ponto de, após sua saída de casa, insistir diversas vezes em travar um contato com ele por telefone, sempre em vão. A partir daí, Carla decidiu “romper” totalmente com sua família, sobretudo com seu pai. Por outro lado, Luana, ao levar Carla para morar em seu apartamento com a intenção de construírem uma relação estável, vem transferindo responsabilidade para a companheira e teme que isso se torne insuportável. Luana diz: “isso pesa muito, não tem como não pesar, e eu sei que eu não posso errar. Então, assim, ela saiu de casa não só por mim, porque também estava insuportável pra ela, e ela só tem a mim hoje em dia.” Luana não admite que Carla sofra tanto por sua família, uma vez que acredita que eles não lhe dão e nunca lhe deram o devido valor. Luana acrescenta que “se tem alguém errado nesta história não é Carla, eu sempre tento dizer isso pra ela, porque às vezes ela fica com a autoestima lá em baixo.”

A mãe e os irmãos da Carla não deixaram de tentar manter contato e, de vez em quando, marcam encontros. Carla diz: “às vezes, eu vou passar o dia na casa da minha irmã, porque, justamente com esse impacto de eu sair de casa, eu sofri com a depressão e síndrome do pânico.” Carla conta que já teve crises de pânico na rua, imaginando que seu pai poderia ter contratado alguém para matá-la. No momento da entrevista, fazia alguns meses que Carla seguia um tratamento psiquiátrico, tomando remédios controlados para combater a ansiedade e o medo. Foi o que fez com que a mãe e os irmãos tivessem mais cuidados com Carla.

Afirmando que a família é sempre importante na vida de uma pessoa, “ainda mais quando é gay”, Carla quer ter filhos por inseminação artificial: “penso em ter filhos com a minha companheira... Por que a gente não pode ter uma família? Por que os casais heteros podem ter e nós não podemos? Claro que a gente pode ter.” Família, para Carla, “é uma estrutura de duas mães, ou dois pais, ou um pai e uma mãe, um filho e amor.” Ela considera que existe uma diferença entre as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo e por pessoas de sexo diferente no que diz respeito à aceitação social, mas não relacionada ao funcionamento da família: “a criança não nasce com preconceito, o mundo é que joga preconceito para a criança, que impõe o mundo já tem as pessoas, já tem uma vida preconceituosa e isso vai passando de geração em geração.”

A socialização é uma diferença considerada por Carla, no que diz respeito à diferença entre os filhos criados por casais homossexuais e aqueles criados por casais heterossexuais, já que tudo dependerá da maneira como “os pais passarão os valores, como mostrarão para seus filhos o que é normal e que os relacionamentos homossexuais são normais”. Na contramão do seu desejo por filhos, Luana nunca nutriu esse desejo e diz que é uma mulher individualista e que preserva seu direito de ir e vir: “isso pra mim sempre foi muito certo, mas Carla, tem muita vontade de ter um filho, ela adora criança e tal, então ela vem me buzinando esta história de filho e tal, então é uma coisa que a gente vai tentar conversar, mas eu não gostaria, não pela criança.”

O contexto em que vive Fabrícia é outro. Paulatinamente, ela foi reconquistando a confiança de seus pais. Aos poucos, também, Fabrícia passou a frequentar a casa dos familiares de Dara e, no momento da entrevista, Fabrícia já almoçava praticamente todos os dias na casa dos familiares de Dara, e até suas roupas eram lavadas pelos empregados de lá! Ainda que o pai de Fabrícia deseje felicidade à filha, não quer contatos com Dara, apesar de elas estarem se relacionando há sete anos. Fabrícia diz que respeita o posicionamento de seu pai, porque ele passou a respeitá-la e que aprendeu a compreender esta restrição.

Fabrícia e Dara moram num apartamento novo, que compraram juntas – o anterior era de propriedade exclusiva de Dara. Fabrícia pensa em ter filhos e diz: “também porque eu penso assim, só nós duas, nós vamos envelhecer, quem vai cuidar de quem? Normalmente, a gente tem um filho porque no futuro a gente vai precisar dele, não é?” Ela pensa que para uma família ser completa os filhos são imprescindíveis e, por isso, quer ser chamada de mãe. Porém, assume que tem uma “visão preconceituosa” em relação à família: “não quero meu filho gay, não, e nem minha filhinha; quero minha filha ‘paty’, arrumadinha, linda, de bolsinha.”

A representação que Fabrícia faz de família está baseada no exemplo de seus pais: “é porque no meu mundo de antes, hetero, a família é completamente diferente da família homossexual. Significa que família de homo não tem família. A família deles são os amigos porque a maioria da família não aceita”; ela teme essa separação com sua família e procura estar em constante contato, porque ela diz que nas famílias que têm pessoas homossexuais, os parentes acabam se distanciando por não aceitarem e, dessa forma, os amigos vão se tornando a família. Fabrícia é categórica: “meus amigos não formam minha família, minha família são meus pais e meus irmãos.” Por outro lado, ela confessa que esse assunto é delicado e que certa vez teve um desentendimento com seus pais e percebeu que sua companheira, Dara, era muito mais sua família do que seus pais. Nesse momento, ela percebeu família de outra forma:

Eu falei para Dara que ela é minha família e eu nunca havia dito isso pra ela eu não sabia que duas pessoas formavam uma família, porque, pra mim, é mais difícil; tinha que ter mais gente envolvida na família. E Dara, sempre disse que eu sou a família dela, ela gostou de ouvir isso.

Dara compartilha com Luana a ideia sobre ter filhos: por se sentir uma mulher livre, teme situações que possam frear esta sensação. E diz: “filhos, para mim, sempre tive muito medo e isso é um desejo muito dela, Fabrícia, ela vai ter o filho, mas já estou colocando esse desejo dentro de mim e ver como vai ser, porque eu tenho desejos e projetos que não cabem filhos.” Viajar e conhecer o maior número de lugares possível, eis o grande projeto da vida da Dara: “abduci de muitas coisas por esse desejo, que é o de conhecer o máximo de lugares possíveis na minha vida, começando pelos países que falam espanhol.” Conhecer pessoas, lugares e culturas diferentes é o que Dara procura e, para ela, nesses planos, filhos não cabem: sua família será sempre somente Fabrícia, e nada mais...

Se para Carla houve uma ruptura dolorosa com seus familiares, perceptível pelo sentimento da dor de não falar com o pai, para Fabrícia, a dor se manifestou não por uma forte ruptura, pois, apesar dos dissabores com seus pais, continuam se vendo e se falando, mas sim, pelo fato de não poder fazer de Dara uma amiga de seu pai, de não poder levar Dara para as comemorações familiares, assim como ela comparece às festas da família da Dara.

Dara e Fabrícia contam com uma grande presença de amigos no cotidiano, porque Dara os considera como família, apesar de Fabrícia não concordar. Luana, Carla e a gata que criam, preferem levar uma vida mais reservada, sem muita presença de amigos no seu cotidiano. Para Luana, formar uma família composta “por duas lésbicas é tudo igual, a diferença está como os outros veem.”

Fabrícia e Carla reconhecem que as influências de suas namoradas (re)direcionaram suas vidas, mostrando outros caminhos, outras possibilidades, para além de outros prazeres. Fabrícia desabafa: “hoje, olhando para trás, eu me sentia assim fútil; hoje, não mais. Hoje eu tenho assunto, tenho conteúdo, antes eu não tinha não. Eu aprendi tudo com Dara sobre cultura, política, economia e outras coisas.” E Carla: “Luana é quem paga a minha faculdade de Direito. Eu gosto do curso, mas quem escolheu foi ela, pensando que seria o melhor, uma vez, que tem muitas oportunidades de concurso, mas eu queria mesmo era História.”

Vaidosa e preocupada com a aparência física e com o vestuário, a primeira providência de Dara, ao iniciar o namoro com Fabrícia, foi a renovação do guarda-roupa da namorada. Apesar de não concordar muito, não houve resistência: Fabrícia cultua a namorada e a considera “a mulher mais bonita de Teresina, estilosa, que chama atenção”. Nas rodas de

conversa com os componentes da rede de amigas de Dara, discute-se música, teatro, literatura, economia e política, como pudemos observar em nossas saídas com o grupo. Fabrícia teve que se inteirar dos assuntos para ser aceita na rede. Apesar de Dara parecer imperativa em sua imposição de gostos e valores, há flexibilidade para trocas no casal: Fabrícia foi a um show de Maria Bethânia com Dara, em Fortaleza; “em troca”, Dara foi a um show de Ivete Sangalo com Fabrícia, em Teresina (Dara diz que “foi uma troca né, apesar de não suportar aquela muvuca”).

Encontramos em Luana e Carla situações parecidas com as de Dara e Fabrícia. Luana (re)direciona a vida de Carla de forma bem mais direta, sobretudo indicando suas escolhas, por acreditar que serão as melhores para ela (e diz: “eu acho que pela minha experiência, pela idade, eu tenho um pouco mais de vivência, vamos dizer assim, mas em alguns momentos eu digo não é melhor tu ir por aqui?”, assim ela me ouve”). Carla não trabalha e passa o dia em casa se dedicando à Faculdade e aos afazeres domésticos, enquanto Luana trabalha; no final do expediente, as duas se encontram na Faculdade. Luana tem controle sobre Carla na escolha do curso e também na cobrança em relação ao desempenho acadêmico, além de pagar o curso (Natasha e Bárbara não concordam muito com a atitude de Luana em relação a Carla, talvez por acharem que Bárbara é “outsider” demais em relação ao *ethos* do grupo que compõe a rede).

Se Fabrícia não apresenta tanto receio, quanto ao fato de se submeter à experiência de Dara, Carla mostra-se incomodada com a dominação exercida por Luana. A liberdade e a independência que as duas almejavam em relação às famílias de origem foram conquistadas parcialmente, se levarmos em consideração que, na casa de suas companheiras, outras formas de dependência surgem, seja na forma como Dara regula as vestimentas de Fabrícia e domestica seus gostos e modos de se portar nos ambientes públicos, viabiliza as viagens do casal e até paga contas do apartamento e combustível para o automóvel, seja na forma como Luana educa Carla, ao escolher seu curso por se tratar de um curso que prepara para concursos e para a tão sonhada estabilidade financeira do funcionalismo público e ao controlar seu acesso à família de origem. Carla é dependente de Luana em todos os aspectos: “dependo dela, esse é um problema também pra mim. Eu tô muito ansiosa e a síndrome do pânico também foi relacionado a isso, eu quero emprego, quero pedir empréstimo, quero montar um negócio.” E desabafa, já no final da entrevista:

Tô procurando emprego desesperada, e agora é difícil porque eu tô no segundo período da faculdade... ela não quer deixar eu trabalhar porque ela diz que não vai ter como eu estudar, mas ela já tem o dinheiro dela, o carro, eu quero também ter o meu.

Percebem-se, assim, negociações de responsabilidades e dependências situacionais baseadas – por que não dizer? – em uma economia moral bastante particular. Dara e Luana parecem possuir uma dependência de outro tipo, de cunho afetiva, apesar de o camuflarem. Isso vem à tona em acusações por parte das mais novas (Fabrícia e Carla) que dizem que suas companheiras são possessivas – Carla diz:

Ela me quer assim no cantinho junto com ela, guardadinha, quietinha e assim de manhã ela assiste ao jornal, eu também assisto junto com ela... Quando eu digo que vou para a sacada ler um livro ela pede que eu não vá, pede para ficar fazendo carinho... Eu digo que casamento não é só viver assim grudadinha, tem que ter a individualidade do outro; não é assim, isso que eu falo pra ela, ‘Lu deixa dessa possessividade, essa coisa possessiva, eu respeito teu espaço, tu também tem que respeitar o meu’, assim que eu falo.

E Dara parece confirmar, em relação a Fabrícia: “hoje mesmo, Fabrícia foi passar a tarde na casa dos pais dela, eu fiquei com uma saudade enorme que fui buscá-la antes da hora combinada, se isso for por conta dos padrões heterossexuais eu adoro.”

Carla e Fabrícia parecem se incomodar ainda com a maneira como suas companheiras “não se assumem”, apesar de todos saberem de sua homossexualidade. Carla diz: “já pensamos numa união civil, mas a gente tem até um problema com isso, porque ela é muito reservada nas questões da homossexualidade onde ela trabalha, e na faculdade, às vezes as pessoas perguntam, eu quero falar e ela não deixa.” Carla não tem problemas em tornar pública sua relação, mas “por causa dela, não posso, aí, às vezes, um problema dela me atinge porque eu já me assumi, fiz isso pela nossa relação, não foi por faculdade, não foi por nada, foi pela nossa relação.” Apesar dessa situação, Carla diz que aceita “porque ela enfrentou muita coisa comigo, quando eu estava dentro lá de casa que meu pai não deixava eu sair e ela podia sair pra onde ela quisesse; ela me respeitava, entendeu, me respeitava; eu ficava dentro, em casa, e ela não saía.” Em suas saídas, frequentam a casa de amigas (como Natasha e Bárbara) e bares da orla de São Luís – raramente deixam transparecer que formam um casal, em razão do medo de Luana de que seus companheiros de trabalho a vejam em situações “desconfortáveis”.

Na família da Dara, todos sabem que ela é lésbica, que namora e compartilha a vida com Fabrícia. O desconforto maior que Fabrícia diz sentir também gira em torno da decisão da Dara de não verbalizar para todos a relação que tem com Fabrícia. Até mesmo nos lugares que frequentam, Dara geralmente se sente um pouco afastada da Fabrícia. No entanto, Dara

argumenta que não precisa dizer o que todos sabem, ela diz que não finge nada, apenas não gosta de estar nos lugares “se agarrando e beijando”.

\*

Através dessas trajetórias que compõem essas redes, tentamos inferir sobre a operacionalização dos códigos de inteligibilidade que referenciam as relações de gênero, transformando-as nos “gêneros inteligíveis” de que trata Butler (1990), que pressupõem uma continuidade entre sexo/gênero/desejo/prática sexual. Assim, foi possível confirmar e “sublinhar a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea” (Miskolci, 2009: 154).

Natasha, Luana e Carla, Dara e Fabrícia<sup>7</sup>, com suas trajetórias ordinárias – por comparação às trajetórias consideradas como “extraordinárias” ou excepcionais, como as de Leila Diniz (Goldenberg, 1996), Janaína Dutra (Sampaio, 2011) ou Consuelo Caiado (Kofes, 2001) – nos permitem alcançar e entender, assim, alguns mecanismos de articulação entre as categorias de diferenciação e as estruturas que geram e reproduzem a heteronormatividade e as desigualdades a ela atreladas. Apesar de certo imobilismo que pode advir dessas trajetórias, há lugar para arranjos que destoem do modelo hegemônico, e negociações estão sempre em jogo. E arranjos que se diferenciam bastante dos modelos hierárquico e simétrico de Fry (1982b), dando-lhes novas roupagens.

Fry legitimou a escolha na ênfase em sistemas de representações sobre a sexualidade masculina. Emitimos a hipótese, aqui, que é possível partir dos sistemas propostos por Fry para iniciar a reflexão sobre as experiências lésbicas, inclusive em contextos “periféricos”, já que nas trajetórias apresentadas, também se percebe a articulação entre representações acerca do “sexo fisiológico”, do “papel de gênero”, do “comportamento sexual” e da “orientação sexual” na constituição das moralidades que estão na base da organização (e da ordenação) das redes de sociabilidades das mulheres entrevistadas. Essas moralidades têm a ver com o bom e estável emprego, os salários elevados, a valorização da família de origem, a “distinção” (no sentido de Bourdieu, 1979) no consumo de bens e serviços, a honestidade – em particular o gosto pelas viagens –, a quantidade de amigos e amigas na rede, a posição social desses amigos e amigas, o reconhecimento da liderança da rede, a duração do relacionamento afetivo, a casa própria, a bom gosto musical (MPB), etc., que são elementos que definem a

---

<sup>7</sup> As entrevistas em São Luís foram realizadas em 2012, enquanto as entrevistas em Teresina foram realizadas entre 2012 e 2013.

“hierarquia” ou a “simetria” e são acionados para estruturar, simbolicamente, as relações que fazem a rede funcionar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. Da Invisibilidade à Vulnerabilidade: percursos do ‘corpo lésbico’ na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e AIDS. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2005.

ARNEY, Lance, FERNANDES, Marisa, GREEN, James. Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada. In: *Cadernis AEL*, 10, 18/19, 2003, pp. 317-348.

BAUMAN, Richard. *Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BOURDIEU, Pierr. *La Distinction*. Paris: Seuil, 1979.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of the identity*. Nova Iorque: Routledge, 1990.

BOTT, Elizabeth, *Família e Rede Social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CARRARA, Sérgio, SIMÕES, Júlio. Sexualidade, Cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*, 28, pp. 65-99, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico. In: *Cadernos AEL*, 10, 18/19, pp. 81-124, 2003.

\_\_\_\_\_. *Entre Umas e Outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008

FEAL, Rosemary G. Spanish American Ethnobiography and the Slave Narrative Tradition: “Biografia de un Cimarrón” y “Me Llamo Rigoberta Menchu”. In: *Modern Language Studies*, 20, 1, 1990, pp. 100-111

FRY, Peter. Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros. In: \_\_\_\_\_. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a, pp. 54-86

\_\_\_\_\_. Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982b, pp. 87-115

FRY, Peter, MacRAE, Edward. *O Que é Homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983

GLUCKMANN, Max. *Préfacio*. In: Bott, Elizabeth. *Família e Rede Social: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

GOLDENBERG, Mirian. *Toda Mulher é Meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1996

GOMIDE, S. *Representações das Identidades Lésbicas na Telenovela “Senhora do Destino”*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília. Brasília, 2006

GONÇALVES, Marco Antônio et alii. (orgs.). *Etnobiografia – subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012

GREEN, James. “Mais Amor e Mais Tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. In: *Cadernos Pagu*, 15, 2000, pp. 271-295

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1977]

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: Parker, Richard & Barbosa, Regina (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996

\_\_\_\_\_. *Dois é Par: conjugalidade, gênero e identidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004 [1992]

KOFES, Suely. *Uma Trajetória em Narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001

LACOMBE, Andrea. *“Pra Homem Já Tô Eu; masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005

MacRAE, Edward. Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas. In: Eulálio, A. (et alii.). *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 99-111

MEINERZ, Nádia. *Entre Mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011a

\_\_\_\_\_. *Mulheres e Masculinidades: etnografias sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011b

MESSEDER, Suely. Quando as Lésbicas entram na Cena do Cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outra mulheres na heterossexualidade compulsória. In: *Universidade e Sociedade*, 49, 2012, pp. 152-157

MISKOLCI, Sérgio. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologia*, 11, 21, 2009, pp. 150-182

MOTT, Luiz. *Dez Viados em Questão: tipologia dos homossexuais da Bahia*. Salvador: Ed. Bleff, 1987a

\_\_\_\_\_. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto Editora, 1987b

\_\_\_\_\_. The Gay Movement and the Human Rights in Brazil. In: Murray, S. O. (org.). *Latin American Male Homosexualities*. Albuquerque: New Mexico University Press, 1995

MUNIZ DE OLIVEIRA, Jacqueline. *Mulher com Mulher dá Jacaré”: uma abordagem antropológica da homossexualidade feminina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 1992

PARKER, Richard. “Masculinity, Femininity, and Homosexuality: on the anthropological interpretation of the sexual meanings in Brazil. In: Blackwood, Evelyn (org.). *Anthropology and Homosexual Behavior*. Nova Iorque: The Haworth Press, 1986

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987

SAMPAIO, Juciana. *“Eu Sou Aquilo que seus Olhos Veem”: a vida de Janaína Dutra em meandros heteronormativos*. Projeto de Pesquisa. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2011